

# FIOS QUE TECEM A HISTÓRIA: O CABELO CRESPO ENTRE ANTIGAS E NOVAS FORMAS DE ATIVISMO

Dailza Araújo Lopes<sup>1</sup>

Ângela Figueiredo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Como desdobramento da dissertação de mestrado que se dedicou a investigar o ciberativismo como estratégia política de mulheres negras, esse estudo teve intenção de contextualizar teoricamente, dinâmicas históricas de ativismo, as quais trouxeram como ferramenta de luta o uso do cabelo crespo. Assim, torna-se importante destacar a influência do movimento político *Black Power* nos Estados Unidos a partir dos anos 1960 e seus desdobramentos no Brasil na década de 1970 e 1980, encabeçado pelo Movimento Negro – MN, promove um resgate da estética negra através e, principalmente, do cabelo crespo, configurando-se como uma forma de buscar a valorização e afirmação da identidade negra e o combate à hegemonia estética eurocêntrica. Percebe-se, portanto, que mulheres negras em grupos virtuais, têm usado como estratégias de articulação e militância política, o espaço virtual, através do *Facebook* para pautar o uso do cabelo natural como ferramenta política. Logo, o referido movimento político de mulheres negras autoidentificadas como mulheres crespas e cacheadas, faz uso da tecnologia, o ciberativismo, para articulação na rede virtual, propondo o uso cabelo natural, como ferramenta própria de combate ao racismo, ao preconceito e outras formas de opressão, implicando questões de empoderamento feminino, Feminismo negro e ativismo político, sendo protagonistas de novas formas de ativismo, pautando o uso do (retorno ao) cabelo crespo, como mecanismo estético de empoderamento e, tendo um alcance nacional, uma vez que o ciberativismo se configura como a diluição de fronteiras espaciais e geográficas. O Referencial teórico que se destaca nessa produção, está ancorado nas ideias de Domingues (2007); Figueiredo (1994; 2012); Gomes (2008); Hall (2003); Horochovski e Meirelles (2007); Lemos (2003); Maia (2015) e Mattos (2015).

**Palavras-chave:** cabelo crespo; *Facebook*; ativismo; mulheres negras.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia e Mestra em Estudos Étnicos e Africanos pelo POS/AFRO pela Universidade Federal da Bahia. Membro do grupo de pesquisa Coletivo Angela Davis/UFRB. E-mail: dailzaaraujo@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ e Pós-doutora pela Universidade de Berkeley, Califórnia. Professora adjunta no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) e coordenadora do grupo de pesquisa Coletivo Angela Davis, ambos da UFRB. Professora associada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/UFBA) e do programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares de gênero (PPGNEIM). E-mail: angelaf39@gmail.com.

**Abstract:** As a result of the thesis who devoted herself to investigate the ciberativismo as political strategy of black women, this study intends to contextualize theoretically, historical dynamics of activism, which brought as a tool of struggle the use of curly hair. Thus, it is important to highlight the influence of political movement, Black Power in the United States from the year 1960 and its repercussions in Brazil in the decade of 1970 and 1980, spearheaded by the Black Movement - MN, which promoted a ransom of black aesthetics through and, mainly, the curly hair, configuring it as a way to seek the appreciation and affirmation of black identity and combat the eurocentric hegemony aesthetics. It is, therefore, that black women in virtual groups, has used as strategies for articulation and political militancy, the virtual space, through Facebook to govern the use of the natural hair as a political tool. Thus, the political movement of black women self-identified as women curly and curly makes use of technology, cyber-activism, for articulation in the virtual network, proposing the use of natural hair as a tool to combat racism, prejudice and other forms of oppression, implying issues of female empowerment, black feminism and political activism, being protagonists of new forms of activism, guiding the use of (return to) curly hair as an aesthetic mechanism of empowerment and, having a national scope, since cyber-activism is configured as the dilution of spatial and geographical boundaries. The theoretical framework that stands in this production, is anchored in the ideas of Domingues (2007); Figueiredo (1994; 2012); Gomes (2008), Hall (2003); Horochovski and Meirelles (2007); Lemos (2003); Maia (2015) and Mattos (2015).

**Keywords:** curly hair; Facebook; activism; black women.

## 1. INTRODUÇÃO

Os modos de relação da população negra com o cabelo crespo requerem uma reflexão muito mais que estética. É preciso adentrar em uma reflexão política, a qual permita questionar o que está posto e, o jeito com que se constituiu essa relação. Portanto, torna-se relevante apontar a forma como o cabelo crespo foi sendo, e é representado na pauta dos movimentos numa perspectiva de reconstruir outras narrativas repletas de outras histórias sobre nós, povo negro.

É importante destacar o surgimento de novas formas de ativismo, uma delas o ativismo no ambiente virtual para fins sociais e políticos, caracterizado como ciberativismo, que permite trazer reflexões para o campo dos movimentos sociais. O conceito de ciberativismo, na percepção de Lemos (2003, p. 17), “refere-se a práticas sociais associativas de utilização da internet por movimentos politicamente motivados com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas”.

Assim, falar de ciberativismo nos dias atuais é abordar também sobre mulheres negras que estão usando as redes sociais para problematizar o uso cabelo crespo e cacheado, compreendido como o “natural” para afirmação da identidade étnico-racial e

combate a algumas formas de opressão, como por exemplo, o racismo, o sexismo, machismo e outras faces de violência.

A discussão sobre o cabelo crespo como fator que desencadeia outras discussões no espaço virtual emerge a partir da percepção de opressão. Considerando que os processos de intervenção no cabelo crespo existem antes do período da escravidão, podemos atestar que a forma pela qual as mulheres negras se relacionam com sua estética, ao longo dos anos, está estritamente ligada aos processos referentes à colonização que deram origem as representações negativas em relação ao corpo negro, mas também suscitou outras formas de resistência.

O início do século XX foi marcado pelas ideias de inferioridade dos negros de origem africana e, pela dita superioridade europeia, naturalizando o racismo e propagando a ideia da existência de uma democracia racial no país. Fazendo surgir, reivindicações étnicas e políticas com o objetivo de apontar as diferenças latentes que derivavam das relações raciais. O desdobramento das teorias raciais, do século XIX e meados do século XX, influenciaram diretamente na forma como nos relacionamos com nossa história e nossa ancestralidade até os dias de hoje.

A desconstrução do termo raça enquanto uma categoria biológica vai sendo aos poucos questionada e ganha novas concepções, começando a ser pensada pelo viés da construção cultural, conforme aponta Hall (2003):

(...) raça é uma construção política e social. E a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. Esse "efeito de naturalização" parece transformar a diferença racial em um "fato" fixo e científico. (HALL, 2003, p. 69)

Tendo a compreensão do racismo como sendo um sistema de poder que exclui e inferioriza o outro, faz com que o cabelo crespo e a cor da pele transformem-se em sinais mais perceptíveis das identidades étnico-raciais, e esses passam a ser ponto de conflito no que diz respeito à formação dessas mesmas identidades, suscitando os estereótipos.

Dentro desse contexto, Araújo, Katrib e Santana (2014, p. 02), apontam que “percebemos a força subjetiva que as denominações do cabelo têm na vida das pessoas negras, reforçando sempre os estereótipos que os objetifica e, não raras às vezes, animaliza o negro por conta de suas características físicas.” Compartilhamos, portanto, da ideia de

Malachias (2007, p. 39), quando diz que “a negação de outros padrões de beleza transformou o cabelo liso em referencial máximo de beleza”, condicionando um discurso de negação ao que se diferencia desse padrão estético; e isto não é aceitável, porque não corresponde à realidade, pois a diversidade étnica propicia a existência de diferentes estilos de “beleza”.

Assim, Domingues (2007) enfatiza, não somente a questão da percepção das desigualdades raciais, mas também pensa formas de modificar o contexto desigual:

(...) a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade étnico-racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação. (DOMINGUES, 2007, p. 102)

Portanto, é importante ressaltar aqui o reconhecimento da luta de quem veio primeiro, de quem abriu os caminhos, para que hoje tivéssemos legitimidade em nossas reflexões. Quem resistiu nos quilombos, nas senzalas, nos terreiros e em cada pedaço de terra pisada pelos africanos na diáspora e pela resistência de Maria Congó, Firmina, Dandara, Aquotirene, Carolina Maria de Jesus, Aqualtune, Zeferina, Luiza Bairros...

Nossos passos vêm de longe<sup>1</sup>...

## **2. O cabelo crespo no discurso do ativismo negro da década de 1970**

A partir do momento em que o modo de usar o cabelo expressa uma intervenção política que permite contestar o sistema de beleza hegemônico, torna-se um dos pontos centrais nas discussões sobre identidades negras no Brasil do início do século XX, passando a ser um critério de afirmação identitária. O fenótipo incide fortemente na identidade negra, sobre tudo o cabelo e a cor da pele, que denotam a pertença à etnia negra, e que se torna em muitos casos, fator determinante para discriminação. Assim sendo, para Gomes (2004),

A dupla “cabelo e cor da pele” não tem sido pensada, no decorrer da história e na cultura, somente pelos salões étnicos<sup>2</sup> e pela comunidade negra

---

<sup>1</sup> Expressão de Fernanda Carneiro (2000) na obra “O livro da Saúde das mulheres negras”.

contemporânea. Na escravidão o tipo de cabelo e a tonalidade da pele serviam de critérios de classificação do escravo e da escrava no interior do sistema escravista, ajudando a definir sua distribuição nos trabalhos do eito, nos afazeres domésticos no interior da casa-grande e nas atividades de ganho. Assim, na relação senhor-escravo esses dois elementos passaram a ser usados como principais definidores de um padrão estético em relação aos negros. (GOMES, 2004, p. 138)

Desta forma, é importante reconhecer o papel desempenhado pelos espaços dos salões étnicos<sup>3</sup> da década de 1970, 1980 e 1990, como forma de manutenção e afirmação estética e valorização das identidades negras. Santos (2000) se propõe a analisar a construção positiva da imagem negra em contraposição as formas imagéticas de representações negativas, que privilegiam apenas a beleza ocidental branca. Sendo assim, a autora, traz os espaços dos salões de beleza étnicos, seu surgimento e disseminação, a partir de recortes jornalísticos, e como a imagem do cabelo natural passou a ser reverenciada em contraposição ao padrão liso e, estaria em consonância com uma nova mentalidade do "ser negro" na década de 1970.

Na época citada, a valorização do cabelo crespo é percebida e caracterizada por Maia (2015, p. 24) como “a era *Black Power*, considerada por todos como um grande momento de acontecimentos e o movimento sonoro teve enorme importância”. E traz ainda que:

Quando a moda *Black Power* veio dos Estados Unidos para o Brasil, através de Tony Tornado, era apenas uma moda brasileira e que todos falavam nesta época, foi ganhando fama. As pessoas começavam a deixar os cabelos crescerem, mas nunca imaginariam que estavam fazendo parte desta revolução, a qual durante os anos 1970 e 1980 cresceu e ganhou notoriedade. (MAIA, 2015, p. 32)

Sob esta ótica, a maneira pela qual o cabelo crespo torna-se moda no Brasil, a partir da inspiração de artistas e de ativistas norte-americanos nos permite pensar que este momento conduziu-se em direção a uma reflexão sobre representatividade, tornando-se um viés político, fazendo emergir um movimento que fomentava a opção pelo o uso do cabelo *Black Power* por parte dos seus adeptos, sendo também uma maneira de trazer para a discussão, a forma como o corpo negro esteve preso a padrões que não considerava as particularidades da corporeidade negra.

---

<sup>3</sup>Para Gomes (2008, p. 24) essa classificação é usada para destacar a especificidade racial da clientela prioritariamente atendida por esses estabelecimentos, a saber: negros e mestiços. Ela também é atribuída graças ao pertencimento étnico/racial do proprietário ou proprietária, à especificidade do serviço oferecido, ao trato do cabelo crespo e à existência de um projeto de valorização da beleza negra.

Uma síntese do contexto norte-americano é apresentada por hooks<sup>4</sup> (2005), que aborda como o referido movimento atuou e influenciou incisivamente sobre os vários contextos mundiais, no que diz respeito à militância política que esteve como referência o cabelo, afetando-se assim de uma perspectiva colonial, do padrão estético estabelecido, um momento que é marcado pela valorização do cabelo crespo.

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalizavam a obsessão dos negros com os cabelos liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afro, principalmente o black, entraram na moda como símbolo de resistência cultural à opressão racista e foram considerados uma celebração da condição de negros (a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos (as) jovens negros (as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade. Há nesse período histórico, um importante momento de exaltação do cabelo crespo negro. (HOOCKS, 2005, p.3)

Ainda no contexto da década de 1970, sobre a temática em questão, temos ainda outras informações nos escritos de Clemente (2007):

Nesta mesma época surge o movimento “*Black is Beautiful*”. O movimento foi lançado a partir de lutas civis nos Estados Unidos e difundidos para o mundo, atuando na elevação da autoestima negra e fazendo política, através deste orgulho. Os negros que trabalhavam neste movimento, visando criticar, desafiar e alterar o racismo sinalizavam a obsessão dos negros com o cabelo liso com reflexo da mentalidade colonizada. A população saiu às ruas, com os cabelos Black Powers, trançados, ao natural, mostrando o orgulho de ser negro. Essa estética é um reflexo às origens diaspóricas como um dos principais movimentos de resistência à exclusão da população negra. (CLEMENTE, 2007, p. 08)

Nota-se que há uma ligação na relação/influência da luta de libertação de alguns países do continente africano (Angola, Guiné-Bissau e Moçambique), com a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, ambos na década de 1970, com o surgimento dos referidos movimentos aqui no Brasil. Apesar de contextos e necessidades diferenciadas, a população negra tem um histórico de luta pela conquista de direitos, que é secular, e atua de forma direta na forma buscar o acesso bens, serviços e espaços negados pela sociedade.

O período citado foi bastante emblemático também em todo o Brasil. Desta forma, é importante também pensar sobre as influências desse movimento no contexto da Bahia, e,

---

<sup>4</sup>Escolhido pela escritora norte-americana Gloria Jean Watkins, como uma homenagem a sua avó, bell hooks, é um pseudônimo, e por opção da autora, recomenda que seja grafado em letras minúsculas, por acreditar que a atenção do leitor deve estar concentrada na mensagem e não na autora.

assim, nos remetermos à saída do bloco afro Ilê Aiyê<sup>5</sup> no ano de 1974, que apresentou “o discurso de beleza negra, produzido pelo bloco parece ser o grande vetor do seu sucesso e da assimilação de suas imagens”. (MAIA, 2007, p. 09).

Nesse contexto, pontua-se então, a importância do Ilê Aiyê na desconstrução de uma imagem negativa da cultura negra, do corpo negro e do cabelo crespo. Conforme observa Figueiredo (2012):

[...] a partir do surgimento do bloco afro Ilê Aiyê que se visualiza a emergência de uma proposta estética inspirada nas tranças, tal como existe nos países africanos. Nessa situação, o pioneirismo do trançado de Dete Lima e Negra Jhô precisa ser destacado porque seus respectivos discursos remetem-nos à origem e à identidade dos penteados nos países da África. (FIGUEIREDO, 2012, p.296)

Desta maneira, associar o cabelo natural à militância política, para o Movimento Negro brasileiro, é uma forma de ressignificar o corpo negro, desconstruindo e descolonizando uma imagem negativa ancorada na memória do cabelo crespo e do corpo negro. A opção pelo uso do cabelo considerado como natural dentro deste contexto, também esteve atrelado ao uso das vestimentas relacionadas à cultura negra.

Este movimento formado no Brasil ganhou força e sentido, conquistando seguidores, progredindo em uma perspectiva em relação ao uso da estética enquanto constituidora do aspecto identitário, passando a integrar o Movimento Negro que, a partir da compreensão de Pereira (2007), ao conceituar o que vem a ser esse movimento:

Entendo por movimento negro o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de táticas culturais, de estratégias políticas, de iniciativas educacionais, nesse sentido, que existiram movimentos negros no Brasil desde que os primeiros seres humanos escravizados na África chegaram à costa brasileira. (PEREIRA, 2007, p. 235)

Concordamos com o autor, quando este apresenta uma variedade de organizações consideradas como antecessoras do que ele caracteriza o Movimento Negro institucionalizado. Desta forma, muitas dessas entidades preservaram costumes religiosos e culturais, conforme Santos (2000, p. 149) quando aponta que as “entidades religiosas, assistenciais, recreativas, artísticas, culturais e políticas, ações de mobilização política, de

---

<sup>5</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://www.ileaiyeoficial.com/o-bloc>>. Acesso em 02 de jun. de 2016.

protesto antidiscriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos e ‘folclóricos’”.

O Movimento Negro tinha como pauta, o combate ao racismo em qualquer das suas expressões. Uma vez, que a falsa compreensão da existência de uma democracia racial no país, fez com que, ainda hoje, houvesse justificativa para tirar do cenário os casos de racismo e preconceito racial, deixando-os passar de forma velada. Assim, o envolvimento coletivo em prol do resgate e valorização da cultura negra, traz uma discussão pautando a existência do racismo e do preconceito no cotidiano da população negra, propondo soluções para que essa realidade possa ser modificada.

Assim, a importância do cabelo crespo é pensada dentro de um conjunto de marcadores diacríticos direcionados para a construção positiva da identidade negra, tanto do ponto de vista do discurso como da prática efetiva da vivência em sociedade.

Maia (2015) apresenta o período de valorização dos cabelos crespos, definido por ela como era *Black Power*, um momento que durou até 1985, época em que segundo a autora “houve a chegada da indústria de cosméticos [...], quando produtos importados chegaram ao Brasil” (MAIA, 2015, p. 57).

Este momento histórico é então, apresentado como uma nova forma de luta pelos direitos da população negra de ir e vir; uma volta às origens. O que era moda no Brasil abriu um novo olhar sobre o campo estético, possibilitando mais oportunidades tanto no espaço do mercado de trabalho, tanto no que diz respeito às políticas públicas, como para se pensar as relações raciais dentro e fora da academia.

### **3. “Não é só por cabelo: é uma questão de identidade”**

O cabelo crespo pensado como parte de um movimento em que se destaca pelo incentivo ao uso político do cabelo natural, que pelo método discursivo tem alcançado várias categorias de discussão, como por exemplo, a questão da identidade étnico-racial, o empoderamento, o Feminismo negro, o feminicídio, a solidão da mulher negra, o sexismo, machismo e racismo. Na perspectiva do início deste século, o cabelo ressurgiu como categoria de análise, pautando também a autonomia feminina, onde dentro do discurso proferido pelas mulheres negras que estão à frente dos Coletivos de crespas e cacheadas, a autonomia feminina, passa também pela estética. Havendo, portanto, paralelo com o fato de um grande número de mulheres estarem fazendo a escolha pelo cabelo natural, conforme Santos (2015):

Observa-se nos últimos anos uma tendência cada vez mais estruturada das mulheres no sentido de não aceitarem mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas, que já se submeteram a alteração química, optam por retornar ao cabelo natural. O processo é chamado no Brasil de “Transição Capilar<sup>6</sup>” e consiste em deixar o cabelo crescer para gradualmente ir cortando toda a química restante, até deixá-lo totalmente natural e tem gerado interesse e um novo mercado. (SANTOS, 2015, p.06)

Sabendo da importância da construção desse movimento, que está sendo fortalecido nos espaços virtuais, é relevante apontar que os processos de globalização permitiram o surgimento de novos espaços de discussão e mobilização política, conduzindo à busca por outras possibilidades de viver a diversidade dos cabelos crespos e cacheados, ambos em sua raiz capilar natural, de maneira que a discussão seja ampliada, respeitada e valorizada, possibilitando que nós, mulheres negras, tenhamos condições políticas e identitárias de viver nossa beleza crespa e cacheada, na diáspora. Tomando como referência o movimento que apresenta como mola propulsora, a opção pelo cabelo natural, torna-se importante a pergunta: quem são as autoras do discurso sobre o uso dos cabelos crespos e cacheados enquanto mecanismo de autonomia feminina?

O advento da globalização, aliado a popularização do acesso à internet no final da década de 1990 do século XX e primeira década do século XXI (2000-2010), permitiu este movimento ganhasse maior visibilidade, sendo construído e vivenciado em significativa parte do tempo, no ambiente virtual. Por isso acredita-se que o movimento surgido na primeira década deste século, reinicia uma discussão a respeito do uso do cabelo natural como ferramenta de reflexão política, porém de uma perspectiva única e diferenciada, pois tem seu início no ambiente virtual, indo para fora dele através de encontros e marchas, com pautas de discussão específicas.

O ciberespaço do *Facebook* é o onde este ativismo está sendo gestado e, potencialmente, protagonizado por, mulheres negras, conforme reflexão proposta por Malta e Oliveira (2016):

É importante evidenciar que o uso das redes sociais pelos diversos movimentos negros retomou demandas e campanhas que surgiram no início dos anos 1980, no âmbito do MNU, como a *Reaja ou Será Morto*, que denunciava a violência policial e o extermínio da população negra. Apesar de se tratar de um mote do movimento negro como um todo, sabemos que o extermínio atinge sensivelmente as mulheres negras, pois quando estas não

---

<sup>6</sup>De acordo com Mattos e Silva (2014, p. 228) transição capilar “é quando você está esperando a parte natural do cabelo crescer. Quando vocês estão com duas texturas: Uma alisada e uma natural. Você está transitando da química para o natural.”

são vítimas diretas desse extermínio, são vítimas indiretamente, quando vêm seus filhos, maridos, irmãos e outros homens de sua família serem exterminados. (MALTA; OLIVEIRA, 2016, p. 66)

Dentre as várias possibilidades dos grupos em espaços virtuais, o combate ao racismo divulgação de campanhas de violência contra as mulheres, permite, não apenas o acesso a diversos tipos de informação, como também possibilita o conhecimento a determinadas situações que se configuram como discriminatórias racistas e machistas, o que é de fundamental importância, para que se possam construir ações de combate a esses tipos de comportamentos. Dentro desses grupos mulheres se sentem acolhidas, para falar de suas experiências com o processo de transição capilar e aceitação do cabelo, sobre cuidados com os cabelos naturais, enfim, para falar de si, com outras mulheres que possuem vínculo apenas no espaço virtual e, encontram apoio em muitas situações, o que se configura como um mecanismo de ação para possibilitar a autonomia.

Assim, é importante pontuar que mulheres negras crespas e cacheadas estão se reunindo em coletivos e grupos virtuais, se organizando também em encontros fora do ambiente virtual, com objetivos específicos, que podem ir desde a pauta de diversas demandas, até o fortalecimento dos laços criados dentro dos grupos virtuais.

É preciso entender o significado ou significados que giram em torno da percepção deste movimento enquanto uma forma de ativismo no contexto do início do século XXI, que perpassa pela aceitação do cabelo natural sobre o qual Mattos (2015, p. 50) entende “que o movimento de mulheres negras pelo empoderamento do cabelo crespo surge na contemporaneidade como um signo de apropriação de negritude anteriormente negado e silenciado pelo padrão branco de beleza”.

Considerando a nossa participação em eventos presenciais organizados pelos Coletivos de mulheres negras crespas e cacheadas, é possível inferir que os encontros mantêm uma mesma dinâmica: vendas e fabricação dos mais diversos produtos pelas empreendedoras ou afroempreendedoras<sup>7</sup>, venda de produtos cosméticos específicos naturais fabricados à mão, especialmente para os cabelos crespos e cacheados, oficinas, variados alimentícios, depoimentos e bate-papos sobre vivências de preconceito ou racismo que enveredam pela questão estética, bem como palestras as quais geralmente são feitas por mulheres negras, crespas e cacheadas que estão à frente dos grupos no *Facebook* ou espaços de canais no *Youtube*. As temáticas e abordagens perpassam pela compreensão

---

<sup>7</sup> Nestes eventos são denominados afroempreendedores e afroempreendedoras as pessoas que trabalham de maneira autônoma com produtos voltados para a cultura negra e correlatos.

de mundo de cada uma dessas mulheres sobre aceitação, transição capilar e empoderamento, além de questões que envolvem o combate ao machismo, racismo e outras formas de violência.

Assim, quando Figueiredo (1994), na obra “Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo negro” propõe uma análise da manipulação do cabelo ligada a fatores econômicos, torna-se contundente e atual pensar dentro do contexto desses encontros, enquanto fator de empoderamento identitário, já que o aumento de mulheres que fazem a opção pelo cabelo natural, crespo ou cacheado, demanda outro mercado o qual dê possibilidades para a manutenção da estética capilar, como cosméticos e acessórios, produzidos e vendidos pelas próprias mulheres participantes dos eventos. Valorizando assim, o trabalho autônomo de mulheres negras, fortalecendo o empoderamento feminino, através da geração de renda.

Um dos termos mais usado tanto nos grupos das redes sociais, como nos encontros é empoderamento. Horochovski e Meirelles (2007) nos ajudam a pensar e compreender a dimensão deste termo:

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aquire poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos. Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas. Como o acesso a esses recursos normalmente não é automático, ações estratégicas mais ou menos coordenadas são necessárias para sua obtenção. (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 486).

Desta forma, quando o termo empoderamento ganha o adjetivo crespo, percebe-se que uma nova via discursiva se estabelece, onde mulheres negras que antes alisavam seus cabelos a fim de, atenderem uma demanda estética dominante podem decidir sobre como querem usar seu cabelo, estabelecendo que a sociedade em suas estruturas tenha que se adequar a sua nova forma de usar o cabelo e não mais de forma contrária.

A concepção de Lisboa (2008) sobre o termo empoderamento na análise feminista é a seguinte

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é pré-condição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações. (LISBOA, 2008, p. 02)

Há ainda um desafio em torno do conceito de empoderamento, uma vez que em sentido original, *Empowment*<sup>8</sup> está ligado à expressão “dar poder”. Portanto, acredita-se que este termo está sendo ressignificado pelos movimentos de mulheres negras, onde pela resistência de movimentos que vieram antes de nós, permitiram que pudéssemos discutir e apontar caminhos para combater práticas racistas e, a estética ainda é uma das ferramentas mais eficazes.

O movimento pelo uso do cabelo natural tem em seu interior novas formas de organização e mobilização. O uso dos meios de comunicação virtuais, como por exemplo, o *Facebook*, permitiu que as pessoas pudessem estar distantes geograficamente e ao mesmo tempo próximas virtualmente trocando ideias e experiências.

O que vimos surgir a partir destas práticas são corpos políticos em um emaranhado de experiências individuais cujo fim desdobra-se sincronicamente, tornando-se um coletivo bem mais amplo. Esses corpos políticos e estéticos estão agora em boa parte dos espaços, sendo que as leituras e fatos nos possibilitam acreditar na sua criação a partir de final do ano 2000 e início de 2001, quando se intensifica a militância dos movimentos negros e correlatos por políticas públicas de reparação e combate real ao racismo, preconceito e discriminação racial.

Mattos (2015) realizou um mapeamento dos grupos virtuais e, de acordo com as informações encontradas, os grupos fechados somam 37, perfazendo um percentual de mais ou menos 600 mil mulheres<sup>9</sup>. Sobre estes grupos a mesma autora nos proporciona a seguinte reflexão:

---

<sup>8</sup>De acordo com Horochovski (2007, p. 01) “o termo foi utilizado inicialmente em países de língua inglesa, sobretudo os EUA. Os primeiros estudos sobre o tema que apareceram em língua portuguesa – traduções ou originais – traziam a grafia primitiva. Entre esses estudos, talvez o principal seja o seminal *Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo*, de John Friedmann (1996). Após, passou-se a colocar o termo, já em português, entre aspas (como em Lisboa, 2000), que caíram conforme o vocábulo foi-se incorporando à língua, mesmo que ainda não se o encontre nos principais dicionários”.

<sup>9</sup> De acordo com a Mattos (2015, p. 47) “é preciso considerar a participação de muitas mulheres em mais de um grupo o que não invalida a estimativa se considerarmos os vários grupos que não disponibilizam o seu número de membros.”

O que é relevante para essa reflexão são as iniciativas que têm mobilizado esses grupos a saírem do virtual para adentrarem o real. O que estou dizendo é que a maioria desses grupos que são fechados tem ampliado suas investidas em encontros físicos, a fim de aproximar seus membr@s; realizar oficinas de cabelos, maquiagens e turbantes; debater temas associados à estética negra; propiciar o empreendedorismo negro; facilitar o acesso a produtos étnicos e apropriados para os cabelos crespos, cacheados e em transição; além de inaugurar um novo formato de lazer e sociabilidades. Levando em conta que são na sua maioria mulheres negras a se organizarem podemos crer tratar-se de arranjos diaspóricos comprometidas com o princípio Ubuntu de comunidade e fortalecimento do “sou porque somos”. (MATTOS, 2015. p. 47).

Nesse sentido, a autora aponta reflexões que direcionam para o sentido ancestral, no que diz respeito à valorização dos traços fenótipos negros, como o cabelo crespo, por exemplo, e este emerge como uma forma política de resistir as narrativas coloniais que ainda perduram no ideário social, principalmente quando se pensa a estética feminina negra dentro de contextos específicos, como a mídia televisiva, os jornais, as redes sociais, e as relações cotidianas. Dentro dessa análise, “ao se assumirem como são essas mulheres estão dizendo para a sociedade que as rejeita, que elas não aceitarão mais essa imposição de um único padrão estético, elas estão buscando conhecer sua história e suas origens”. (MATTOS, 2015, p.225).

Em tempos atuais, o movimento das crespas e cacheadas, propõe o cabelo natural como mecanismo próprio de combate ao racismo e ao preconceito, implicando questões de empoderamento, liberdade e ativismo. As mudanças vêm ocorrendo e alterando o contexto que, de certa forma, já havia sido vivido, produzindo outras dinâmicas.

Conforme observa Coutinho (2010, p. 1), “no Brasil, temos assistido, ao longo dos anos, o crescimento de uma estética negra com a valorização positiva de aspectos fenótipos naturais.” Podemos verificar uma maior aceitação ou menor rejeição pela sociedade em geral de um modelo de pentear/adornar os cabelos que diferem do baseado no “padrão europeu”.

Essa aceitação a qual a autora faz referência, também está sendo vista na perspectiva da “moda”, como nos anos 1970 e 1980, o que em algum momento pode desviar as possibilidades de ser uma forma de reelaboração da estética negra feminina. Por isso a importância de dar sentido ao uso do cabelo natural; do contrário, corre-se o risco de se criar novas fronteiras da estética.

O *Facebook* tem sido uma ferramenta importante na desconstrução de paradigmas, como também para pontuar explicitamente o que a sociedade trazia de forma velada, como

por exemplo, estigmas sociais e discursos de intolerância em relação ao cabelo crespo, cacheado e, ao corpo negro.

O ponto de confluência entre estes dois momentos históricos, percorridos ao longo desse estudo, está em construir uma nova imagem da corporeidade negra. E para isto há uma importância do ponto de vista estético, de valorização da autoestima no sentido de ocupar espaços antes prioritariamente frequentado por pessoas brancas, esse discurso tem se intensificado nos grupos do *Facebook* e nos encontros presenciais realizados pelos coletivos de mulheres negras crespas e cacheadas.

#### **4. Considerações finais**

Protagonizado anteriormente pelo Movimento Negro, o uso do cabelo crespo, *Black Power*, como ferramenta política permitiu que reivindicações sobre o acesso da população negra a direitos negados pudessem ganhar visibilidade, que entra na discussão como uma contra hegemonia estética, a contextualização das experiências de ativismo da década de 1970 e 1980, foi de fundamental importância para chegarmos às dinâmicas atuais de ativismo. Hoje, é protagonizado por mulheres negras através do uso do espaço virtual como espaço político, tendo o cabelo natural como é uma ferramenta mediadora para pautar demandas coletivas através do ciberativismo.

Pensar o cabelo crespo como fator político identitário requer compreender muito mais o fator material, pois se é verdade a expressão “cabelo fala”, este diz de onde se origina e traz uma representação. Desta forma, enfrentar uma ordem política e estética ditada por anos e anos é um ato político e, é desse fenômeno que se origina a perspectiva político-identitária.

A compreensão de que esse movimento pelo uso do cabelo natural pode ter se intensificado a partir dos anos 2000, quando começam as discussões acerca do combate ao racismo e, também, quando é publicada a Lei Federal 10.639/2003 que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira, permitiu maior abertura para expor as problemáticas da população negra e direcionar para soluções a curto, médio e longo prazo.

Estas novas formas de ativismo permitem a valorização do cabelo crespo, enquanto posição contra hegemônica, sendo uma das lutas, em longo prazo, por incidir no cotidiano da sociedade, fomentando discussões e reflexões em contextos diferenciados. Assim, mulheres negras tem ido além das organizações mais tradicionais, para pautar suas agendas demandas, o uso das redes de comunicação facilitadas através da internet estão

permitindo que novas formas de ativismo possam surgir no interior dos movimentos sociais. Elas estão em rede, em movimento, em marcha...

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Lourdes Bertoni; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; SANTANA, Wylliane Estelaide Paixão de. 2014. **Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?** Disponível em:

<[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(180\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(180).pdf)>. Acesso em 31 de maio de 2016.

CLEMENTE, Aline Ferraz. 2007. Trança afro: a cultura do cabelo subalterno. **Diálogos & Ciência, Revista da rede de ensino FTC**. Ano V. n. 11. Set. 2007. Disponível em:

<<http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/247-754-1-SM.pdf>>. Acesso em 31 de maio de 2016.

COUTINHO, C. L. R. **A Estética dos Cabelos Crespos em Salvador**. 2010. 109 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas - Campus V, Programa de Pós-Graduação em História Regional. Santo Antônio de Jesus, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. 2007. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo [online]**. vol. 12. n. 23. 2007. p.100-122. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em 05 de abr. De 2016.

FIGUEIREDO, Angela. **Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo do negro**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 1994.

\_\_\_\_\_. *Global africanhair*: representação e recepção do cabelo crespo numa exposição fotográfica. IN: SANSONE, Lívio. **A política do intangível: museus e patrimônios em nova perspectiva** (Org.). Salvador: Edufba, 2012. p. 293-313.

GOMES, Nilma Lino. 2004. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. IN: BARBOSA, Lúcia Maria de A.; SILVA, Petronilia Borges Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: UFSCAR, 2004. p. 137-150.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOOKS. Bell. 2005. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba**. Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan/Fev. 2005.

HOROCHOVSKI, Robson Rossi.; MEIRELLES, Giselle. 2007. **Problematizando o conceito de empoderamento**. Anais... Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigohorochovskimeirelles.pdf>>. Acesso em 08 de jun. de 2016.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LISBOA, Teresa Kleba. 2008. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST11/Teresa\\_Kleba\\_Lisboa\\_11.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pdf)>. Acesso em 08 de ago. de 2016.

MAIA, Luciana. **Força Negra**: a luta pela auto-estima de um povo. Rio de Janeiro: Ed. Autografia. 2015.

MAIA, Rita. 2007. O prazer da militância: a ética da estética da “negritude Ilê”. **Diálogos & Ciência – Revista da Rede de Ensino FTC**. Ano V. n.11, set. 2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10210319-O-prazer-da-militancia-a-etica-estetica-da-negritude-ile.html>>. Acesso em 31 de mai. de 2016.

MALACHIAS, Rosangela. **Cabelo bom. Cabelo ruim!**. Coleção percepções da diferença: negros e brancos na escola. Vol.4. São Paulo: NEINB, 2007.

MALTA Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. 2016. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista de Gênero**. v.16. n. 2. 2016. p. 55-70. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/811/436>>. Acesso em: 14 de fev. de 2017.

MATTOS, Ivanilde Guedes de; SILVA, Aline. 2014. Vício cacheado: estéticas afro diaspóricas. **Revista da ABPN**. v. 6, n. 14. Jul/out. 2014, p. 214-235. Disponível em: <[www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/download/478/343](http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/download/478/343)>. Acesso em 18 de jan. de 2015.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. 2015. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. **Pontos de Interrogação**. V. 5. n. 2. jul./dez. 2015. p. 37-53. Disponível em:

<[www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/download/2164/1497](http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/download/2164/1497)>. Acesso em 31 de mai. de 2016.

SANTOS, Jocélio Teles. 2000. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estudos afro-asiáticos**. n.38. Rio de Janeiro. Dez. 2000. p. 49-64. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2000000200003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2000000200003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 13 de jan. de 2015.

SANTOS, Nádía Regina Braga dos. **Do *blackpower* ao cabelo crespo**: a construção da identidade negra através do cabelo. Monografia. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação. São Paulo, 2015.